

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/283730744>

Fragmentos de vida e morte no Centro Histórico de Elvas

Conference Paper · December 2012

CITATIONS

0

READS

128

1 author:



[Cristina Barroso Cruz](#)

Universidade do Algarve

18 PUBLICATIONS 21 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Group of Studies in Human Evolution (GEEvH) | Grupo de Estudos em Evolução Humana (GEEvH) [View project](#)



This one is not mine - Um Portugal de imigrantes: exercício de reflexão... [View project](#)

VELHOS E NOVOS MUNDOS

ESTUDOS DE ARQUEOLOGIA MODERNA

OLD AND NEW WORLDS

STUDIES ON EARLY MODERN ARCHAEOLOGY

VOLUME 1



Centro de História de Além-Mar

CHAM

Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade dos Açores

VELHOS E NOVOS MUNDOS
ESTUDOS DE ARQUEOLOGIA MODERNA
OLD AND NEW WORLDS
STUDIES ON EARLY MODERN ARCHAEOLOGY

VOLUME 1

TÍTULO / TITLE

Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna
Old and New Worlds. Studies on Early Modern Archaeology
Volume I

COORDENADORES / COORDINATORS

André Teixeira, José António Bettencourt

ORGANIZADORES / ORGANIZERS

André Teixeira, Élvio Sousa, Inês Pinto Coelho, Isabel Cristina Fernandes,
José António Bettencourt, Patrícia Carvalho, Paulo Dórdio Gomes, Severino Rodrigues

EDIÇÃO / EDITION

Centro de História de Além-Mar
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa
Universidade dos Açores
Av. de Berna, 26C, 1069 - 061 Lisboa
www.cham.fcsh.unl.pt / cham@fcsh.unl.pt

TIRAGEM / COPIES

500

COLECÇÃO / COLLECTION

ArqueoArte, n.º 1

DEPÓSITO LEGAL

353251/12

ISBN

978-989-8492-18-0

GRAFISMO E PAGINAÇÃO / GRAPHIC DESIGN

Canto Redondo
www.cantoredondo.eu / geral@cantoredondo.eu

IMPRESSÃO / PRINT

Europress

DATA DE EDIÇÃO / FIRST PUBLISHED IN

Dezembro de 2012 / December 2012

ORGANIZAÇÃO



APOIOS



Os artigos são da exclusiva responsabilidade dos autores.

Os textos e imagens desta publicação não podem ser reproduzidos por qualquer processo digital, mecânico ou fotográfico.

© CHAM e Autores

ÍNDICE

VOLUME 1

- 9 INTRODUÇÃO
- 11 CONFERÊNCIAS
- 13 From español to criollo: an archaeological perspective on spanish-american cultural transformation, 1493-1600
Kathleen Deagan
- 23 Bahia: aportes para uma Arqueologia das relações transatlânticas no período colonial
Carlos Etchevarne
- 37 Of sundry colours and moulds: imports of early modern pottery along the atlantic seaboard
Alejandra Gutierrez
- 51 Velhos e novos mundos em uma perspectiva arqueológica
Marcos Albuquerque
- 69 CIDADES: URBANISMO, ARQUITECTURA E QUOTIDIANOS
- 71 Largo do Chafariz de Dentro: Alfama em época moderna
Rodrigo Banha da Silva, Pedro Miranda, Vasco Noronha Vieira, António Moreira Vicente, Gonçalo C. Lopes e Cristina Nozes
- 85 Os novos espaços da cidade moderna: uma aproximação à Ribeira de Lisboa através de uma intervenção no Largo do Terreiro do Trigo
Cristina Gonzalez
- 95 O mobiliário do Palácio Marialva (Lisboa): discursos socioeconómicos
Andreia Torres
- 111 Um celeiro da Mitra no Teatro Romano de Lisboa: inércias e mutações de um espaço do século XVI à actualidade
Lídia Fernandes e Rita Fragoso de Almeida
- 123 Rua do Benfornoso 168/186 (Lisboa – Mouraria / Intendente): entre a nova e a velha cidade, aspectos da sua evolução urbanística
António Marques, Eva Leitão e Paulo Botelho
- 135 Espólio vítreo de um poço do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa, Portugal)
Carlos Boavida
- 141 Quarteirão dos Lagares: contributo para a história económica da Mouraria
Tiago Nunes e Iola Filipe
- 151 Vestígios modernos de uma intervenção de emergência na Rua Rafael Andrade (Lisboa)
Sara Brito e Regis Barbosa
- 157 Alterações urbanísticas na Santarém pós-medieval: a diacronia do abandono de uma rua no planalto de Marvila
Helena Santos, Marco Liberato e Ricardo Próspero
- 163 Fragmentos do quotidiano urbano de Torres Vedras, entre os séculos XV e XVIII: um olhar através dos objectos do poço dos Paços do Concelho
Guilherme Cardoso e Isabel Luna
- 173 A modernidade em Leiria: imagens da vida pública e privada na antiga judiaria. O caso do Centro Cívico de Leiria
Iola Filipe e Marina Pinto
- 181 Arqueologia das cidades de Beja: onde a cidade se encontra com a sua construção
Maria da Conceição Lopes
- 189 Fragmentos de vida e morte da Idade Moderna no centro histórico de Elvas
Teresa Ramos Costa, Cristina Cruz, Gonçalo Lopes e Ana Braz
- 201 A intimidade palaciana no século XVII: objectos provenientes de um esgoto do Paço dos Lobos da Gama (Évora)
Gonçalo Lopes e Conceição Roque
- 209 Evidências de época moderna no castelo de Castelo Branco (Portugal)
Carlos Boavida
- 219 Crise e identidade urbana: *o Jardim Arcádico* de Braga de 1625
Gustavo Portocarrero
- 223 Ao som da bigorna: os ferreiros no quotidiano urbano de Arrifana/Penafiel no século XVIII
Teresa Soeiro
- 233 A paisagem de Arrifana de Sousa descrita pelo Arruamento de 1762
Maria Helena Parrão Bernardo
- 245 Uma taça de porcelana branca e uma asa de grés na “Arca de Mijavellas”: História e estórias reveladas pela construção da Estação do Campo 24 de Agosto do Metro do Porto
Iva Teles Botelho
- 255 O aqueduto da Mãe d’Água: Vila Franca do Campo
N’zinga Oliveira e Joana Rodrigues
- 261 La ocupación moderna del Teatro Romano de Cádiz (España): nuevos datos a luz de las recientes intervenciones arqueológicas
J. M. Gutiérrez, M. Bustamante, V. Sánchez, D. Bernal e A. Arévalo
- 273 El acueducto de la Matriz de Gijón: investigación documental y arqueológica
Cristina Heredia Alonso
- 277 Processo de *contato* e primórdios da colonização na baixa bacia do Amazonas: séculos XVI-XVIII
Rui Gomes Coelho e Fernando Marques
- 285 Crise e rebelião colonial: uma perspectiva urbana (Minas Gerais / Brasil – século XVIII)
Carlos Magno Guimarães, Mariana Gonçalves Moreira, Gabriela Pereira Veloso, Anna Luiza Ladeia e Thaís Monteiro de Castro Costa

- 293 Arqueologia e arquiteturas daqui e d'além-mar
Maria de Magalhães Ramalho
- 303 **ESPAÇO RURAL: PAISAGENS E MEIOS DE PRODUÇÃO**
- 305 A paisagem como fonte histórica
David Ferreira, Paulo Dordio e Alexandra Cerveira Lima
- 315 Cabeço do Outeiro (Lousada, Portugal): um núcleo rural da Idade Moderna
Manuel Nunes, Joana Leite e Paulo Lemos
- 323 O ciclo do linho no concelho de Penafiel
Ana Dolores Leal Anileiro
- 333 As pontes de Pretarouca (Lamego): registo arqueográfico no âmbito de processos de avaliação de impactes ambientais
Carla Alves Fernandes e Cristóvão Pimentel Fonseca
- 339 Engenho de açúcar da alcaidaria de Silves
Rosa Varela Gomes
- 351 Imagens, memórias, ruínas nos tempos do lugar: a biografia de uma paisagem urbana
Silvio Luiz Cordeiro
- 357 Da aldeia guarani à cidade colonial: o processo de urbanização e as missões jesuíticas platinas nas frentes de colonização ibérica
Arno Alvarez Kern
- 365 O café, a escravidão e a degradação ambiental: Minas Gerais /Rio de Janeiro – Brasil – século XIX e XX
Carlos Magno Guimarães, Mariana Gonçalves Moreira, Gabriela Pereira Veloso, Elisângela de Morais Silva e Camila Fernandes Morais
- 373 **FORTIFICAÇÕES, ESPAÇOS DE GUERRA E ARMAMENTO**
- 375 Excavaciones arqueológicas en la muralla real de Ceuta: persistencias y rupturas (1415-1668)
Fernando Villada Paredes
- 385 La coracha de Tanger
Abdelatif El-Boudjaj
- 393 Villalonso: un castillo medieval en la transición hacia la modernidad
Angel L. Palomino, Manuel Moratinos, José M. Gonzalo, José E. Santamaría e Inés M. Centeno
- 407 Pólvora y cal: evidencias arqueológicas de las fortificaciones costeras de época moderna en Lluarca (Asturias-España)
Valentín Álvarez Martínez, Patricia Suárez Manjón e Jesús Ignacio Jiménez Chaparro
- 419 Museu de Macau e o território da Companhia de Jesus: resultados e integração dos vestígios arqueológicos
Clementino Amaro e Armando Sabrosa
- 431 Do papel da Arqueologia para o conhecimento da expansão portuguesa: notas a partir de algumas estruturas fortificadas no Oriente
João Lizardo
- 445 O papel do Forte do Guincho na estratégia de defesa da costa de Cascais
Soraya Rocha e Guilherme Sarmiento
- 449 **EDIFÍCIOS RELIGIOSOS E PRÁTICAS FUNERÁRIAS**
- 451 Sé da Cidade Velha, República de Cabo Verde: resultados da 1.ª fase de campanhas arqueológicas
Clementino Amaro
- 465 Divindade, governante ou guerreiro? O personagem Kukulcán nas crônicas do século XVI e o registo arqueológico de Chichén Itzá, México
Alexandre Guida Navarro
- 469 Andrés de Madariaga's mausoleum-church: former Jesuit College in Bergara (Gipuzkoa, Basque Country, Spain)
Jesús-Manuel Pérez Centeno e Xabier Alberdi Lonbide
- 475 Os Passos da Paixão de Cristo (Setúbal)
João Ferreira Santos, Daniela dos Santos Silva e José Luís Neto
- 483 O lugar da Torre dos Sinos (Convento Velho de S. Domingos), Coimbra: notas para o estudo da formação dos terrenos de aluvião, em época moderna
Sara Almeida, Ricardo Costeira da Silva, Vítor Dias e João Perpétuo
- 489 Cerca de Santo Agostinho, Coimbra: estudo preliminar das fases evolutivas e linhas para a sua recuperação
Sara Almeida, Susana Temudo, Joana Mendes, Sofia Ramos e António Cunha
- 497 Convento de São Francisco da Ponte: novas perspectivas arquitectónicas
Mónica Ginja e António Ginja
- 505 O último convento da Ordem de Santiago em Palmela: dados arqueológicos da intervenção no pátio fronteiro à igreja
Isabel Cristina Ferreira Fernandes
- 517 Convento quinhentista do Bom Jesus de Peniche: primeira intervenção arqueológica
Claudia Cunha, Carlos Vilela, Sónia Simões, Tiago Tomé, João Moreira, Mónica Ginja e Gerardo Gonçalves
- 527 Cerâmica dos séculos XV a XVIII do Convento de Santana de Leiria: História e vivências em torno da cultura material
Ana Rita Trindade
- 539 Mosteiro de São Francisco de Lisboa: fragmentos e documentos na reconstrução de quotidianos
Joana Torres
- 551 Os painéis de azulejo do adro da Igreja de São Simão (Azeitão)
Mariana Almeida e Edgar Fernandes

- 561 Para as mulheres pobres, mas honradas: os recolhimentos em Setúbal
José Luís Neto e Nathalie Antunes Ferreira
- 569 Contributo para o conhecimento da população na época moderna na Madeira: abordagem antropológica aos casos de Santa Cruz
Rafael Fabricio Nunes
- 579 O registo arqueológico de uma superstição: o signo-Salomão no Alentejo – séculos XV-XVIII
Andrea Martins, Gonçalo Lopes, Helena Santos, Manuela Pereira, Marco Liberato e Pedro Carpetudo
- VOLUME 2**
- 593 **PAISAGENS MARÍTIMAS, NAVIOS E VIDA A BORDO**
- 595 O navio como *Fait Social Total*: para uma epistemologia da arqueologia em contexto náutico
Jean Yves Blot
- 601 Projecto N-utopia: tratados, nomenclaturas náuticas e construções navais europeias
Tiago Miguel Fraga, Brígida Baptista, António Teixeira e Adolfo Silveira Martins
- 605 Paisagens culturais marítimas: uma primeira aproximação ao litoral de Cascais
Jorge Freire e António Fialho
- 613 Do Terreiro do Paço à Praça do Comércio (Lisboa): identificação de vestígios arqueológicos de natureza portuária num subsolo urbano
César Augusto Neves, Andrea Martins, Gonçalo Lopes e Maria Luísa Blot
- 627 Ribeira das Naus hoje: a perene relação de Lisboa com o Tejo. Dos estaleiros navais do Renascimento ao antigo Arsenal da Marinha. Subsídios da arqueologia
Rui Nascimento
- 633 Angra, uma cidade portuária no Atlântico do século XVII: uma abordagem geomorfológica
Ana Catarina Garcia
- 645 Caractérisations et typologie du Cimetière des Ancres: vers une interprétation des conditions de mouillage et de la fréquentation de la Baie d'Angra do Heroísmo, du XVI au XIX siècle. Île de Terceira, Açores
Christelle Chouzenoux
- 655 La Rucha: deconstruyendo el origen de la piratería de costa en el Cabo Peñas (Gozón-Asturias-España)
Nicolás Alonso Rodríguez, Valentín Álvarez Martínez e José Antonio Longo Marina
- 665 Santo António de Tanná: uma fragata do período moderno
Tiago Miguel Fraga
- 671 Cada botão sua casaca: indumentária recuperada nas escavações arqueológicas da fragata *Santo António de Taná*, naufragada em Mombaça em 1697
André Teixeira e Luís Serrão Gil
- 683 Projecto de carta arqueológica subaquática do concelho de Lagos
Tiago Miguel Fraga
- 689 Conservação das estruturas em madeira de um navio do século XV escavado na Ria de Aveiro: resultados preliminares
João Coelho, Pedro Gonçalves e Francisco Alves
- 697 **CERÂMICAS: PRODUÇÃO, COMÉRCIO E CONSUMO**
- 699 A olaria renascentista de Santo António da Charneca, Barreiro: a louça doméstica
Luís Barros, Luísa Batalha, Guilherme Cardoso e António Gonzalez
- 711 As formas de pão-de-açúcar da Mata da Machada, Barreiro
Filipa Galito da Silva
- 719 A cerâmica moderna do Castelo de S. Jorge: produção local de cerâmica comum, pintada a branco, moldada e vidrada e de faiança
Alexandra Gaspar e Ana Gomes
- 733 De Aveiro para as margens do Atlântico: a carga do navio Ria de Aveiro A e a circulação de cerâmica na Época Moderna
Patrícia Carvalho e José Bettencourt
- 747 Portuguese coarseware in Newfoundland, Canada
Sarah Newstead
- 757 Muito mais do que lixo: a cerâmica do sítio arqueológico subaquático Ria de Aveiro B-C
Inês Pinto Coelho
- 771 A cerâmica do açúcar de Aveiro: recentes achados na área do antigo bairro das olarias
Paulo Jorge Morgado, Ricardo Costeira da Silva e Sónia Jesus Filipe
- 783 Portugal and Terra Nova: ceramic perspectives on the early-modern Atlantic
Peter E. Pope
- 789 Considerações acerca da cerâmica pedrada e respetivo comércio
Olinda Sardinha
- 797 A importação de cerâmica europeia para os arquipélagos da Madeira e dos Açores no século XVI
Élvio Sousa
- 813 Pottery in Cidade Velha (Cabo Verde)
Marie Loïuse Sorensen, Chris Evens e Tânia Casimiro
- 821 A cerâmica no quotidiano colonial português: o caso de Salvador da Bahia
Carlos Etchevarne e João Pedro Gomes
- 829 Modern Age Portuguese pottery find in the Bay of Cadiz, Spain
José-Antonio Ruiz Gil

- 837 La mayólica del convento de Santo Domingo (siglos XVI-XVII), Lima (Perú): la evidencia arqueométrica
Javier G. Iñáñez, Juan Guillermo Martín, Antonio Coello
- 847 Majólicas italianas do Terreiro do Trigo (Lisboa)
Cristina Gonzalez
- 855 Produções sevillhanas – azul sobre branco e azul sobre azul: no contexto das relações económicas e comerciais entre o litoral algarvio e a Andaluzia (século XVI-XVII)
Paulo Botelho
- 865 As cerâmicas da Idade Moderna da Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, Cascais
J. A. Severino Rodrigues, Catarina Bolila, Vanessa Filipe, José Pedro Henriques, Inês Alves Ribeiro e Sara Teixeira Simões
- 877 Primeira abordagem a um depósito moderno no antigo Paço Episcopal de Coimbra (Museu Nacional de Machado de Castro): a cerâmica desde meados do século XV à consolidação da Renascença
Ricardo Costeira da Silva
- 891 Aldeia da Torre dos Frades (Torre de Almofala) através da cerâmica em época moderna
Elisa Albuquerque
- 897 Um gosto decorativo: louça preta e vermelha polvilhada de branco (mica)
Isabel Maria Fernandes
- 909 Os potes “martabã”: um conceito em discussão
Sara Teixeira Simões
- 919 Do Oriente para Ocidente: contributo para o conhecimento da porcelana chinesa nos quotidianos de época moderna. Estudo de três contextos arqueológicos de Lisboa
José Pedro Vintém Henriques
- 933 Porcelana chinesa em Salvador da Bahia (séculos XVI a XVIII)
Carlos Etchevarne e João Pedro Gomes
- 937 Faiança portuguesa: centros produtores, matérias, técnicas de fabrico e critérios de distinção
Luís Sebastian
- 951 Vestígios de um centro produtor de faiança dos séculos XVII e XVIII: dados de uma intervenção arqueológica na Rua de Buenos Aires, n.º 10, Lisboa
Luísa Batalha, Andreia Campôa, Guilherme Cardoso, Nuno Neto, Paulo Rebelo e Raquel Santos
- 963 Elementos para a caracterização da faiança portuguesa do século XVII: a tipologia de Pendery aplicada à realidade da Casa do Infante (Porto)
Anabela P. de Sá
- 975 As produções de louça preta em Trás-os-Montes: caracterização etnográfica e química, seu interesse para o estudo das cerâmicas arqueológicas
Isabel Maria Fernandes e Fernando Castro
- 983 Fábrica de Cerâmica de Santo António de Vale da Piedade (Vila Nova de Gaia): estruturas construídas e espaços de laboração no século XVIII
Laura Cristina Peixoto de Sousa
- 995 **GESTÃO E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO**
- 997 Mosteiro de Santa Clara-a-Velha: da luz dos archotes aos momentos da contemporaneidade. Projeto e fruição
Artur Côrte-Real
- 1005 Preservação arqueológica nas missões jesuítico-guaranis
Tobias Vilhena de Moraes
- 1011 Monumentos restaurados e histórias em ruínas: o programa Monumenta e a problemática da intervenção arqueológica na restauração arquitetônica no Brasil
Ton Ferreira
- 1019 Património cultural subaquático: uma questão de visibilidade
Margarida Génio
- 1023 **ABSTRACTS**

CIDADES: URBANISMO, ARQUITECTURA E QUOTIDIANOS



FRAGMENTOS DE VIDA E MORTE DA IDADE MODERNA NO CENTRO HISTÓRICO DE ELVAS

TERESA RAMOS COSTA CHAM – FCSH - UNL | UAÇ
CRISTINA CRUZ
GONÇALO LOPES
ANA BRÁZ

RESUMO As intervenções arqueológicas realizadas no centro histórico de Elvas revelaram elementos arquitectónicos e antropológicos resultantes das ocupações modernas da vila. Referem-se nomeadamente à sua vocação militar com os quartéis e pavimentações da Parada do Castelo, à necrópole do Largo do Salvador e aos sistemas de drenagem do antigo Largo de São Vicente.

PALAVRAS-CHAVE Período moderno, arqueologia urbana, infra-estruturas urbanas de drenagem, aquartelamentos, arqueologia funerária

O estabelecimento de cabos eléctricos subterrâneos por parte da EDP no centro histórico de Elvas exigiu acompanhamento arqueológico, que decorreu entre 2005 e 2006. Teve como principal objectivo a minimização dos impactes negativos sobre estruturas e outras realidades arqueológicas identificadas. É, pois, objectivo deste artigo a integração histórica e urbanística dos achados, a partir do cruzamento dos elementos de campo com a bibliografia disponível.

O projecto localizou-se no interior do perímetro murado de Elvas e foi adjudicado à empresa Crivarque, Lda pela então Direcção Regional de Évora do IPPAR. Deste constaram as intervenções na Parada do Castelo, no Largo dos Combatentes da Grande Guerra, no Largo do Salvador e na Rua dos Açougues (fig.1).

1. PARADA DO CASTELO

"Elvas é a maior e mais forte praça de Portugal; as suas fortificações estão em muito bom estado, notamos ali excelentes e vastos aquartelamentos e um considerável arsenal militar."

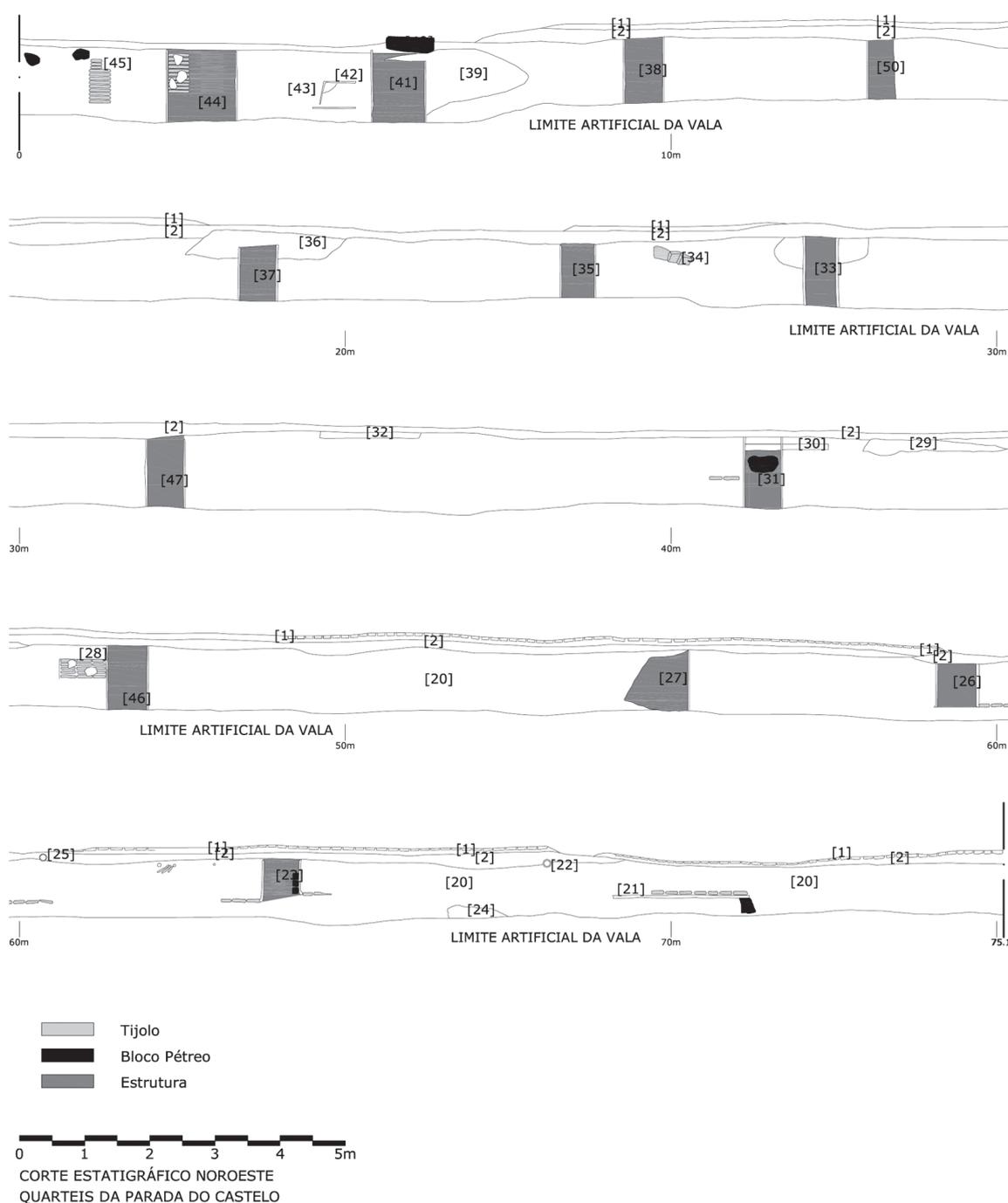
J.Taylor, arqueólogo e militar, 1826-1832.



1. Planta geral com localização das intervenções.

A Parada do Castelo é a área primordial da ocupação de Elvas, na qual se reconhece boa parte da história da cidade e a sua profunda vocação defensiva, nomeadamente como guardião da fronteira portuguesa. A abertura de uma vala de configuração em U junto ao castelo de Elvas, efectuada previamente ao acompanhamento arqueológico numa extensão de aproximadamente 100 m, levou à identificação no sector Noroeste das estruturas pertencentes aos quartéis da Parada do Castelo, também conhecidos pela rua dos Quartéis de Basto, Frontaria do Abarracamento ou Frontaria dos Quartéis (Gama, 1963, p. 65; Morgado, 1993, p. 41).

No corte estratigráfico verificou-se a existência de várias paredes em alvenaria de pedra e tijolo, revestidas em ambas as faces por argamassa de cal, correspondentes às diversas salas do piso térreo (figs. 2 e 3). Numa leitura de Sudoeste para Nordeste observou-se que as paredes de maior espessura, com 0,90 e 1,10 m, estão localizadas na extremidade do complexo arquitectónico, ostentando o embasamento da escadaria externa de acesso ao piso superior. Os restantes muros possuíam dimensões inferiores, com espessuras médias entre os 0,50 m a 0,70 m sendo que a altura máxima conservada era de 1,10 m.



2. Corte estratigráfico Noroeste dos Quartéis da Parada do Castelo.



3. Pormenor em corte estratigráfico de parede em alvenaria de pedra e tijolo pertencente aos Quartéis da Parada do Castelo.



4. Base da torre poligonal do castelo de Elvas.

Relativamente aos compartimentos, e sem descartar a hipótese de certas paredes terem sido completamente arrasadas na demolição, denotou-se igualmente que estes se agrupam em pares de dimensões idênticas, o que poderá remeter para a existência de uma divisão interna em cada unidade habitacional e que, pelo menos o piso térreo tinha dois compartimentos. Duas destas unidades conservavam pisos em tijoleira, assentes sobre uma camada de preparação com entulho, reconhecendo-se igualmente pormenores arquitectónicos, como degraus e arcarias.

A edificação destes quartéis ocorreu em meados do século XVII, paralelamente ao levantamento da fortaleza abaluartada que abarcou todo o núcleo urbano, durante a Guerra da Restauração. A par desta construção foram erguidos edifícios de apoio destinados a abrigar serviços necessários à logística da guerra, neste caso específico para alojamento dos militares e suas famílias (Rodrigues, Pereira, 1995).

Contemporâneos dos quartéis da Parada do Castelo são os das Balas, junto ao redente do Cascalho, os da Corujeira, na Rua de S. João, e os de São Martinho, na Rua dos Quartéis (Fiel e Garrinhas, 2005, p. 103). Em termos arquitectónicos reportam-se a um tipo de edifício no qual as portas do piso térreo estão alinhadas com as janelas superiores, elevando-se entre cada uma delas o corpo da chaminé (Conceição, 1997, p. 280-281, nota 29). De acordo com as fotografias antigas consultadas (Morgado,

1993, p. 41; Arquivo da DGEMN, PT041207020005¹) os quartéis da Parada do Castelo seriam idênticos aos das Balas, com arcaria, chaminés e acesso ao andar superior por uma única escadaria lateral.

Se aquando do cerco espanhol de 1644 existiam já os quartéis da Corujeira e de São Martinho, a verdade é que eles eram manifestamente insuficientes para alojar a soldadesca, já que esta acabou por se instalar em casas de habitação e conventos (Duarte, 2006, p. 49)². Este reforço da estrutura militar foi bastante exigente em termos monetários, instituindo-se imposto sobre os habitantes para angariação dos 600 mil réis necessários à sua construção. Em 1665 o Marquês de Marialva recomendava à Câmara que prosseguisse a construção dos Quartéis da Parada do Castelo (Gama, 1963, p. 62-63; Morgado, 1993, p. 42).

Ali estiveram instalados o 1.º Regimento de Infantaria de Elvas ou Regimento de Basto, entre outros, até à redução da guarnição a apenas um destes corpos, em 1834. Na segunda metade do século XIX e na ausência

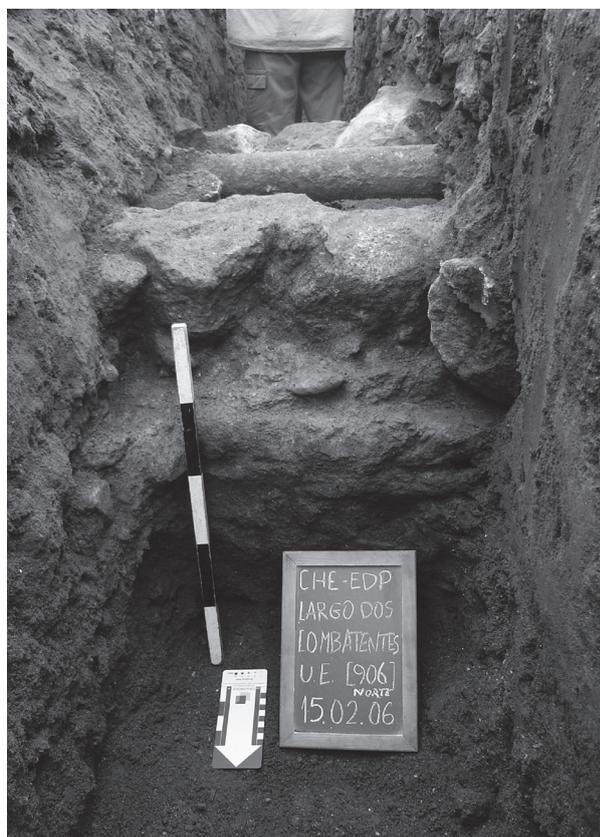
1. A foto apresentada está datada de 1944 no sítio www.monumentos.pt, o que não é verosímil, dado que todos os autores são unânimes em datar a destruição dos Quartéis de 1909-10. António Tomás Pires apresenta uma gravura idêntica a esta foto, na sua publicação de 1907 "O Castello de Elvas: memória apresentada à Exma. Comissão Executiva do Conselho dos Monumentos Nacionaes", Estudos e notas elvenses, nº9.

2. Os habitantes estavam sujeitos à prática do aboletamento ou seja obrigação de cama e mesa aos soldados e oficiais, além de gado cavalari e muar que chegava em serviço (Morgado, 1993, 42).

de contingentes militares o espaço passou a ser habitado por gente pobre. Já no século XX, alguns destes conjuntos foram demolidos, datando-se a da Parada do Castelo de 1909-10 (Gama, 1963, p. 66; Rodrigues e Pereira, 1996, p. 43).

Paralelamente aos vestígios dos referidos quartéis, a abertura da vala supracitada expôs igualmente a base da torre poligonal Sul do castelo (fig. 4). O registo gráfico permitiu aferir que o aparelho do embasamento é constituído por fragmentos de tijolo e blocos pétreos, revestidos por uma camada espessa de argamassa. Esta torre está integrada no conjunto de inovações defensivas e construtivas realizadas nos reinados de D. João II e D. Manuel I, como se pode observar na planta do Livro de Fortalezas de Duarte de Armas (1997, fl. 124). É uma das mais interessantes soluções de arquitectura militar desta época, pela sua forma poligonal e por ter sido dotada de vários dispositivos de fogo, nomeadamente no interior de uma galeria acasamatada (Moreira, 1989, p. 99). Da consulta aos arquivos fotográficos da Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais verifica-se ter havido preenchimento das juntas e revestimento da base desta torre, bem como o rebaixamento do piso em aproximadamente um metro no sedimento envolvente nas obras de 1940/41 e 1943/48.

Durante os trabalhos da Parada do Castelo observou-se, genericamente, uma grande proximidade da actual



5. Porção do "Caneiro real" no antigo Largo de São Vicente.

superfície ao nível geológico calcário, sendo inexistentes camadas sedimentares anteriores ao século XVIII. É claro que, dada a densidade habitacional desta área a partir do período muçulmano (Dentinho, 1989; Rodrigues e Pereira, 1996, p. 10-11; Correia, 2002), os níveis estratigráficos medievais e dos primeiros séculos da época moderna foram sistematicamente destruídos.

Numa outra vala, aberta junto às habitações que limitam a Parada do Castelo (fig. 1), apesar de não terem sido detectadas estruturas arqueológicas dignas de menção, recolheram-se materiais que corroboraram a intensidade de instalação humana nesta zona, embora carecendo de contextualização deposicional e com elevado grau de fragmentação. Destaque-se uma sucessão de três pisos em argila compactada, contendo maioritariamente tijolo, mas também telha, estuque e argamassa, assentes sobre um nível de preparação muito compacto, constituído por pequenos elementos pétreos, pequenos fragmentos de materiais de construção e nódulos de argamassa. Deverão corresponder a diversos níveis de repavimentação deste espaço público.

2. LARGO DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA (ANTIGO LARGO DE SÃO VICENTE)

"(...) algumas ruas são razoavelmente boas e bem pavimentadas, mas a elevação e a irregularidade do terreno em que ela foi construída tornam-nas em geral, íngremes e desagradáveis de percorrer(...)"

George Landmann, *Military and picturesque observations on Portugal*, 1812

Os trabalhos arqueológicos realizados no âmbito da segunda intervenção deste projecto decorreram no Largo dos Combatentes da Grande Guerra, o antigo Largo de São Vicente (fig. 1). Situa-se na extremidade do eixo viário nascente-poente definido em finais do século XIII, correspondente à então denominada Rua do Cano, hoje Rua Sá da Bandeira. Na extremidade desta via estava a Porta dos Banhos, junto ao que se julga terem sido os balneários islâmicos, localizando-se nas imediações a ermida de São Vicente e a Fonte da Prata (Dentinho, 1989, p. 44; Rodrigues e Pereira, 1996, p. 37). Esta punha em "comunicação a cidade baixa (...) com os campos vizinhos e ribeira da Chinchas ou do Cêto" (Almada, 1888-1891, p. 106).

Identificou-se naquele largo um pavimento antigo em argila de 7 m de comprimento com elementos pétreos, tijolo e argamassas compactadas [904], bastante semelhante ao da Parada do Castelo mas, ao invés deste,

sem camada de preparação. Sob o pavimento surgiu um caneiro em alvenaria de pedra [906], que estaria associado ao "Caneiro Real", medindo 0,70 m de altura máxima conservada e 1,10 m de largura (fig. 5). Este passava na Rua do Cano e é descrito na documentação como um "antigo escaninho dos enxurros da villa d'Elvas, escaninho que sahindo da Porta Nova (Arco da Encarnação), percorria a descoberto, e em toda a sua extensão, o terreno em que está a rua, e ia a sahir à porta denominada dos Banhos (Porta Velha)" (Pires, 1924, p. 30).

Esta intervenção para instalação de infra-estruturas foi bastante limitadora do ponto de vista das aberturas em área, essenciais à compreensão das diversas realidades arqueológicas. No entanto, consideramos essencial referir a existência de mais duas estruturas: uma [928] pertencente ao sistema de transporte e drenagem de águas da cidade, constituída por lajes de calcário e tijolo maciço ligados por argamassas, com reutilização de um pequeno friso arquitectónico em mármore, medindo 1,70 m de comprimento e 0,70 m de largura máxima, assentando sobre o afloramento geológico; outra [932], provavelmente relacionada com a circulação de água, uma estrutura cúbica de pedra contendo no interior um bloco quartzítico com lajes de calcário no topo, unidas com argamassas amarelas (fig. 6).

Após vários anos de obras, em 1622 foi finalmente estabelecido o percurso para a canalização da água

proveniente do Aqueduto da Amoreira, até à sua saída da cidade pela Porta dos Banhos. O Largo de São Vicente é efectivamente descrito como um espaço onde afluíam vários cursos de água, tendo sido construídas várias infra-estruturas para os receber, canalizar e distribuir, nomeadamente numa fonte de três bicas. Na bibliografia consultada há referência ao remanescente das águas da fonte, as quais "iam a uma arca que estava sobre o cunhal da igreja, endireitava à bica do tanque e estava o cano na parede do terraplano e dali continuava". Esta definição coaduna-se à descrição e localização da supracitada estrutura arqueológica [932] (Gama, 1972, p. 54).

Na extremidade Noroeste do Largo, sob uma calçada de seixos irregulares, detectou-se parte de um esqueleto humano, registando-se o crânio, o maxilar e as clavículas. Estaria relacionado com a antiga Ermida de São Vicente, onde se venerava a Nossa Senhora da Paz, cuja origem remonta ao século XIV. A sua localização na Rua dos Banhos, com a fachada voltada para o largo, é reconhecível em descrição e planta dos *Anaes de Elvas* (Mata, 1859; Gama, 1972, p. 42). A esta estrutura religiosa se poderá associar também o piso em tijoleira e vestígios de parede em alvenaria de pedra e tijolo maciço detectados junto à Fonte da Prata situada na vertente sul deste Largo e bastante danificados pelas infra-estruturas contemporâneas. A ermida foi demolida em 1927 "para alargar o local" (Dentinho, 1989, p. 87 e 123).

3. NECRÓPOLE DO LARGO DO SALVADOR

No Largo do Salvador ocorreu a terceira intervenção no âmbito deste projecto (fig. 1). O surgimento dos vestígios antropológicos está associado à já desaparecida Igreja do Salvador, cuja primeira referência data de 1273, tornando-se posteriormente um Priorado da Casa de Bragança. Até inícios do século XVI, o Largo do Salvador assumiu-se como centro religioso e político-administrativo de Elvas, com os Paços do Concelho medievais e a primitiva igreja com esta evocação. Desta última, persistem apenas elementos arquitectónicos vestigiais do lado Sul, como o portal com decoração em estuque de finais do século XVI e um Calvário em mármore. Restam também uma parede em cantaria encimada por duas mísulas góticas, abrindo-se na Rua de São Pedro dois arcos ogivais de cronologia quatrocentista (Rodrigues e Pereira, 1996, p. 16). Bastante afectada pelo terramoto de 1755, a sede da paróquia passou para a Igreja do Antigo Colégio Jesuítico de Santiago, convertendo-se este espaço mais tarde em açougue municipal, funcionando hoje como depósito camarário.



6. Estrutura cúbica em pedra para circulação de águas.

Os vestígios antropológicos reportam-se a uma necrópole implantada na cota inferior do Largo, antigo adro da igreja do Salvador, correspondendo a uma prática funerária comum nos períodos medieval e moderno. A intervenção revelou a presença de um espaço de enterramentos múltiplos, com importante concentração de enterramentos primários e de material osteológico descontextualizado.

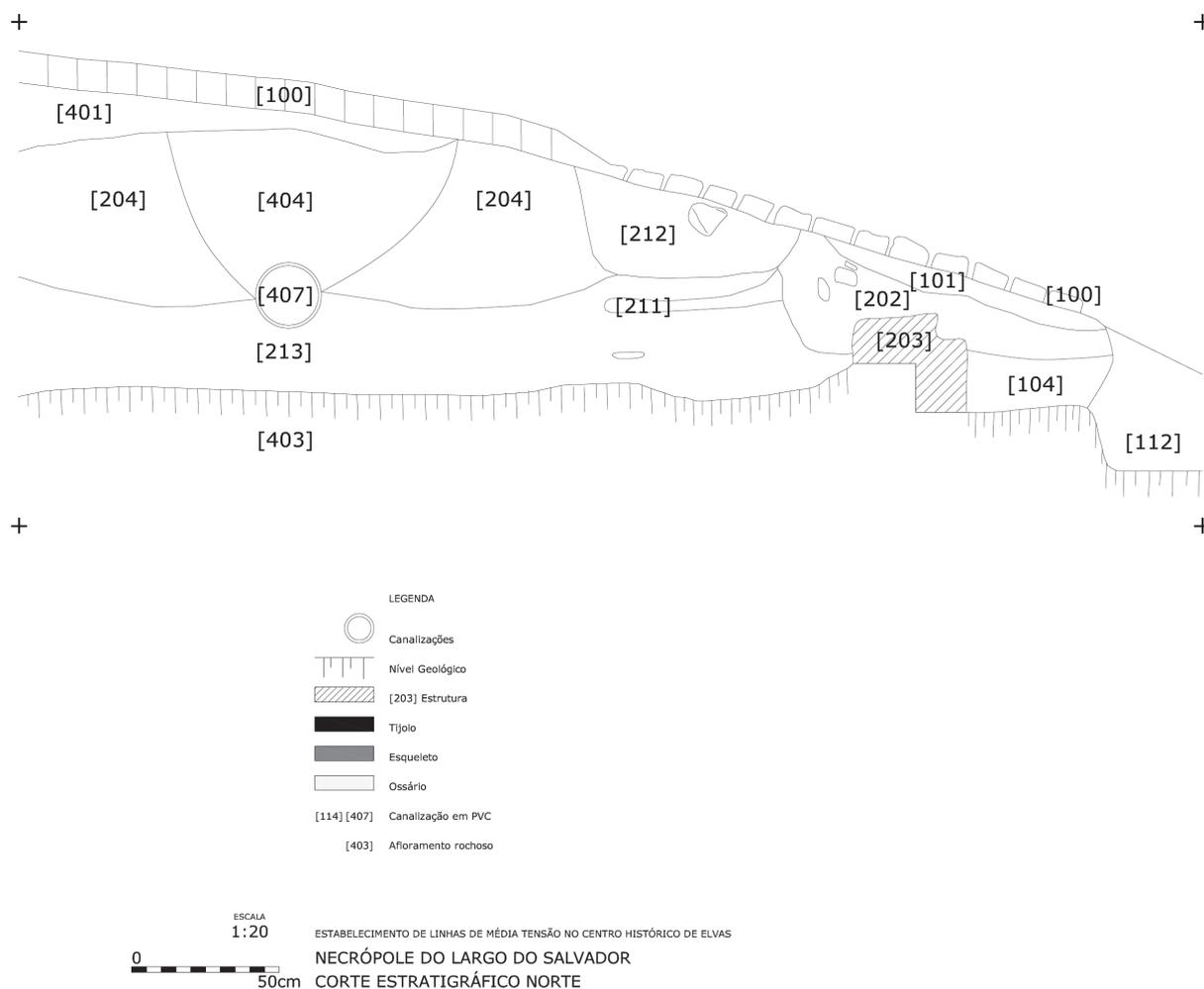
O solo irregular, associado a zonas de rocha, terá promovido o aparecimento de bolsas de material osteológico disperso, cuja concentração se deverá à acção da gravidade e de agentes tafonómicos de diferentes naturezas: roedores, raízes, acção humana, etc. De facto, no que diz respeito à acção humana, é reconhecido que este largo sofreu sucessivas intervenções urbanísticas ao longo do tempo, com impacto na preservação e perturbação dos enterramentos. Exemplo disso são as deposições cortadas por cabos de PVC e a presença de caixas de saneamento, construídas em argamassa. A selar o nível dos esqueletos [213] estava

uma fina camada descontínua de estuque pulverizado e solto [211] (fig. 7).

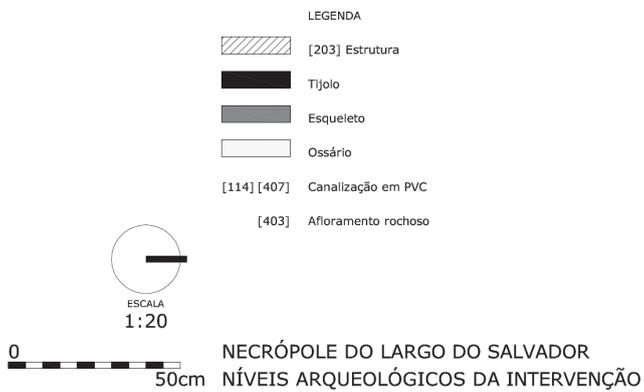
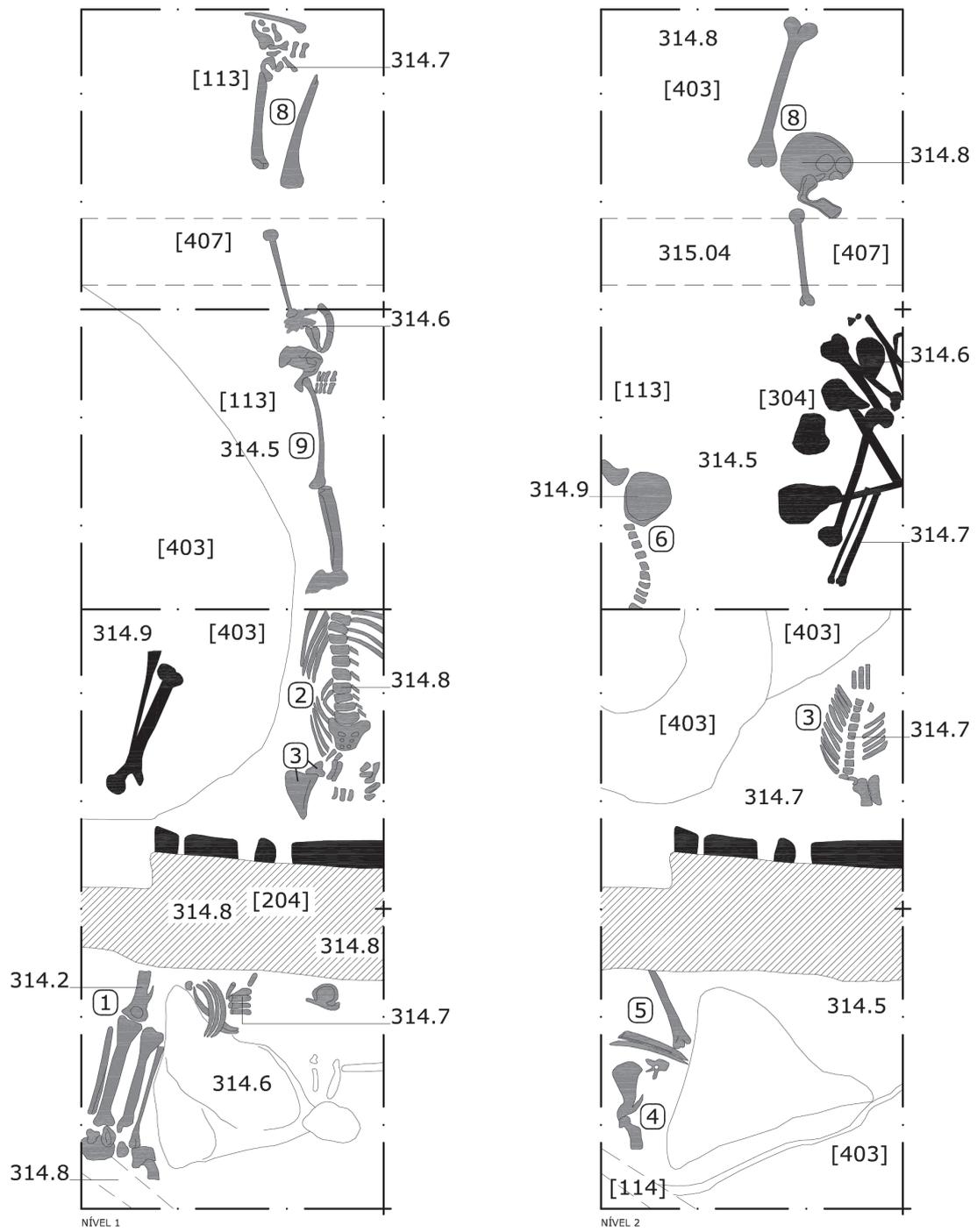
Parte do espólio exumado nesta intervenção distribuía-se igualmente pelas camadas de revolvimento contemporâneo que destruíram alguns dos níveis associados aos enterramentos. Entre o espólio recuperado refira-se um numisma ilegível [104], objectos indistintos em bronze [204], abundante número de alfinetes do mesmo material [106] e um botão em osso [301]. A ausência de vestígios de estruturas de enterramento combinada com as evidências estratigráficas sugerem que os indivíduos ali inumados terão sido depositados directamente no solo.

Foram identificados sete enterramentos (fig. 8), que coincidem no baixo grau de preservação e representatividade³ e na orientação da inumação: O-E de acordo com a norma canónica (Barroca, 1987). Da análise dos restantes elementos da antropologia funerária, foi

3. Usando como referência a proposta de Buickstra & Ubelaker, 1994.



7. Corte estratigráfico Norte da necrópole do Largo do Salvador.



8. Nível arqueológico da necrópole do Largo do Salvador.

possível constatar que a deposição de todos os indivíduos foi feita em decúbito dorsal (fig. 9), à exceção do Enterramento 7/9, que se encontrava em decúbito lateral esquerdo (fig. 10). Apesar de não ser possível inferir sobre o posicionamento dos membros para todos os indivíduos é possível caracterizar a este nível os enterramentos 2, 5, 6, 7/9 e 8, variando entre estarem apoiadas sobre a região pélvica ou torácica.

O único espólio recuperado encontrava-se associado ao indivíduo do Enterramento 8, consistindo num botão e num alfinete em cobre, ainda com porção de tecido, encontrados sobre o sacro [406]; e no Enterramento 6, com contas de rosário e dois botões, um em ferro e outro em osso [303].



9. Detalhe do Esqueleto 6 depositado em decúbito dorsal.



10. Detalhe do Esqueleto 7/9 depositado em decúbito lateral esquerdo.

No que diz respeito ao perfil paleodemográfico e paleopatológico, os sete enterramentos correspondem a cinco indivíduos adultos, sendo que dois destes foram diagnosticados como pertencendo ao sexo masculino⁴, um ao sexo feminino⁵. Em relação aos restantes dois não foi possível determinar o sexo. Os demais indivíduos são ainda fisiologicamente imaturos, não sendo por isso possível avançar com uma diagnose sexual. Relativamente a estes dois indivíduos não adultos, um teria uma idade estimada a partir da combinação avaliação da erupção dentária (Ubelaker, 1989) e do comprimento dos ossos longos (Stloukal e Hanáková, 1978), entre os 5-7 anos. O outro seria um juvenil com idade inferior a 15-18 anos, de acordo com a avaliação do grau de fusão das epífises (descrita em Scheuer e Black, 2000).

A análise paleopatológica não revelou nenhuma lesão gravosa, tendo-se verificado apenas a ocorrência de marcadores de stress músculo-esquelético (entesófitos) – alterações que consistem, genericamente, na calcificação das estruturas ligamentares em resultados da repetição de esforços mecânicos (Santos, 2011) – ligeiras no indivíduo 7/9.

O material osteológico disperso, apresenta um desafio importante, especialmente em contexto de escavação. De facto, o desenho de um perfil biológico deste tipo de espólio fica muito aquém daquele que é possível na presença de um indivíduo em articulação. O material em depósito secundário do Largo do Salvador apesar de apresentar concentrações mais importantes em determinadas zonas da vala foi encontrado em toda a sua extensão. Os maiores aglomerados ter-se-ão formado por acção humana, possivelmente para criar espaço para receber novos enterramentos ou no momento das intervenções urbanísticas.

A partir da análise preliminar levada a cabo no campo, com o intuito de registar elementos que pudessem por via do levantamento e transporte perder-se, realçamos a presença de um fémur com uma morfologia atípica, possivelmente patológica (fig. 11). A configuração deste osso terá resultado da sobreposição de camadas de osso novo, o que conduziu ao espessamento, aumento de densidade-peso e estriação longitudinal e irregular da diáfise (porção medial do osso). Esta descrição parece compatível com um quadro de sífilis ou doença de Paget, excluindo-se a osteomielite por não haver cloaca. Contudo, a avaliação paleopatológica deverá ser aprofundada em contexto de laboratório com o intuito de gerar, se possível, um diagnóstico mais seguro.

4. De acordo com a aplicação do método morfológico de diagnose sexual proposto por Ferembach et al. 1980.

5. Resultado obtido a partir da combinação dos métodos métricos propostos por Wasterlain, 2000 e Silva, 1991/1992 e o método morfológico proposto por Ferembach, 1980.



11. Fémur esquerdo com configuração atípica – maior espessamento da diáfise – recuperado dentre o material osteológico em depósito secundário (a: norma anterior; b: norma posterior).

No que diz respeito aos ossos longos, as lesões provocadas pela sífilis podem ser de duas naturezas: gomatosas e não-gomatosas (Campillo, 2001; Ortner, 2003). As primeiras caracterizam-se por apresentarem pequenas aberturas na zona do perióstio, ao passo que as não-gomatosas se identificam por exibirem um padrão de deposição/produção de osso muito acentuado o que provoca um espessamento associado a um maior peso e que permite caracterizar o osso como tendo sofrido deposição em placas, de osso novo (Campillo, 2001; Ortner, 2003). Esta característica está frequentemente associada a ossos com um grande revestimento muscular. Quando submetidos a análise radiológica será possível observar em ossos afectados por esta patologia um espessamento ao nível do canal medular que, em casos extremos, fica obstruído (Campillo, 2001; Ortner, 2003).

A Doença de Paget caracteriza-se por uma excessiva reabsorção e produção óssea que culminam num osso trabecular em *mosaico* (Campillo, 2001; Ortner, 2003; Queiróz, 1996). A doença de Paget pode ser monostótica caso envolva apenas um osso, ou polistótica se a afecção afectar vários ossos. Os elementos do esqueleto mais frequentemente envolvidos são a pélvis, o crânio, a coluna vertebral, o fémur e a tíbia, expressando-se as lesões nestes casos, de modo assimétrico (Campillo, 2001; Ortner, 2003; Queiroz, 1996).

Numa análise do espaço ocupado pela necrópole destacam-se ainda duas características. Por um lado, encontramos enterramentos que, podendo não ser simultâneos, são temporalmente muito próximos; por outro, regista-se material osteológico que não se apresenta em articulação, o que nos remete para um quadro de re-utilização do espaço.

De acordo com alguns autores (Duday, 2005a,b; Duday, 2006, Crubezy *et al.* 1990), este contexto funerário é compatível com o que se entende por “sepultura

colectiva”. Estas estruturas resultam de deposições que ocorreram ao longo do tempo, na ordem das dezenas ou centenas de anos. A análise arqueotantalógica revela-se, contudo, ineficaz sempre que os cadáveres não se apresentam em contacto directo (Duday, 2007; Duday, 2008).

Análises de contextos semelhantes, sobre os quais não é possível aceder a documentação histórica, têm vindo a revelar que espaços desta natureza formam-se em resposta a fenómenos abruptos de mortalidade. Contudo, a aferição destas circunstâncias só pode ser feita mediante a identificação de uma cronologia específica para os enterramentos. Desta forma, combinando os dados biológicos da população inumada, com os registos epidémicos e o perfil demográfico da morbilidade que caracteriza cada epidemia, será possível estabelecer uma relação mais precisa que justifique a origem destes espaços funerários (Castex, 2007; Castex, 2008).

De facto, as crises epidémicas que afectavam o território português durante as épocas medieval e moderna constituíam um grave problema, levando as autoridades locais e régias a impor formas de isolamento de grupos reconhecidos como de risco (Marques, 2010; Mattoso, 2010). As crises de mortalidade tiveram um impacto significativo nas questões demográficas, sendo os surtos epidémicos dos principais agentes deste fenómeno. Estes períodos de enfermidade prevalente, combinados com épocas de carestia alimentar, conflitos bélicos, maus anos agrícolas e a abertura do espaço nacional, fruto da política expansionista, concorreram também para a ocorrência de picos de mortalidade (Rodrigues, 2008a). Este padrão de permanente convivência com a doença e com a morte prolongou-se para o século XVIII, tendo prevalecido com um impacto ligeiramente menor no século XIX (Moreira, 2008; Rodrigues, 2008b).

Dentro deste quadro teórico, é possível compreender a ocorrência de espaços de inumação com uma grande concentração de indivíduos e a inexistência de evidências de uma ritualização que reflectiam um maior cuidado e investimento de tempo e recursos. Importa também não esquecer que a questão do estatuto social e acesso a tratamento diferenciado era igualmente evidente no momento da morte. A população mais pobre, dificilmente teria direito um enterramento num espaço individualizado e num invólucro funerário semelhante a um esquife.

Tendo em conta, a limitação da zona intervencionada, a escassez de dados cronológicos e de evidências históricas para o contexto em causa, apenas podemos avançar com estas interpretações.

4. RUA DOS AÇOUQUES

Durante os trabalhos de acompanhamento arqueológico na Rua dos Açouques (via de ligação entre a Sé e o Largo do Salvador), frente ao n.º 10A (fig. 1), surgiu o bocal circular de um silo, com uma pedra a cobri-lo. Não foi possível intervencioná-lo, devido às vicissitudes do acompanhamento arqueológico. Estava, como habitualmente, escavado no afloramento, e o sedimento era de tom castanho-avermelhado e compacto contendo elementos pétreos de pequena a média dimensão (fig. 12).



12. Boca de silo identificada na Rua dos Açouques.

Segundo Victorino d'Almada (1888-1891, p. 38), a Rua dos Açouques talvez fosse a antiga rua dos Mercadores, que no século XIII tinha uma acepção mais abrangente que a de hoje. Indicava os diversos estabelecimentos comerciais, fosse qual fosse o seu ramo de negócio. Sendo assim, a presença de um silo nesta zona da cidade poderia relacionar-se com a funcionalidade desta rua (Rodrigues e Pereira, 1995, p. 15). A existência destas *covas de pão* com funções de armazenamento era bastante frequente em contextos urbanos e rurais; refira-se, a título de exemplo, as que eram propriedade da Mitra de Évora em finais da Idade Média, uma delas aberta na câmara em que o Bispo dormia em Elvas (Beirante, 1995, p. 241).

5. ELVAS: DO CONTEXTO ARQUEOLÓGICO AOS DADOS HISTÓRICOS

"(...) Elvas é uma cidade de 12000 habitantes com um magnífico aqueduto e os Fortes de Santa Luzia e de La Lippe: é uma cidade militar; encontram-se ali arsenais, manufacturas de armas, fundições de canhões, hospitais e quartéis."

Lucien Vigneron, *À travers l'Espagne et le Portugal (notes et impressions)*, 1883⁶.

Os vestígios arqueológicos detectados nestas intervenções denunciam a importância do valor patrimonial do centro histórico de Elvas, sobre o qual incidiram as intervenções do Largo do Salvador, da Parada do Castelo, do Largo dos Combatentes da Grande Guerra e da Rua dos Açouques. Esta riqueza e diversidade apresentou-se ao longo de todo o traçado em diversos pontos com sensibilidade arqueológica, traduzido em estruturas e estratos nem sempre compreendidos na integralidade, dada a destruição aquando da abertura primordial para colocação de infra-estruturas subterrâneas e as vicissitudes inerentes a este tipo de trabalhos.

A história moderna de Elvas esteve intimamente associada a contextos de guerra, pela posição privilegiada de defesa do território português. Refira-se nomeadamente o Cerco de Elvas de 1658-59, em que a população com receio das pilhagens se abriga no perímetro muralhado da cidade aumentando extraordinariamente o número de habitantes e deteriorando as condições de salubridade (Duarte, 2006, p. 49). A dificuldade de abastecimento de víveres sofrida durante o Cerco, coadjuvada pelo excesso de população, poderá estar na origem do aparecimento da peste. Esta terá dizimado

6. Ventura, António (Recolha, Introdução e Notas) (2008), *Elvas na Literatura de Viagens*, Câmara Municipal de Elvas.

a população e os soldados, atingindo por vezes 300 mortes diárias e afectando gravemente a capacidade de defesa da guarnição (Gama, 1965, p. 30; Serrão, 1984, p. 359-360; Duarte, 2006, p. 65). Episódios como este, embora impossíveis de aliar a situações concretas do registo arqueológico e antropológico, poderão ter estado na origem da necrópole do Largo do Salvador, cuja dimensão total foi impossível de aferir apesar da densidade concentrada em tão pequeno espaço. A par deste contexto seiscentista de reforço militar responderam importantes alterações arquitectónicas no urbanismo da cidade, motivadas pela construção da fortaleza abaluartada e respectivas estruturas de apoio, nas quais se integravam os quartéis da Parada do Castelo. As construções identificadas integram-se numa tipologia de edifício para albergue de tropas assaz difundida nesta época, nomeadamente em Elvas e nos espaços mais afectados pelas guerras da Restauração. Este papel de Elvas como espaço de fronteira vinha aliás de tempos mais remotos, motivando sucessivos reforços defensivos: nesta intervenção reconheceram-se as fundações da torre poligonal do castelo, erguida já com o propósito de responder aos novos desafios da arte da guerra, onde imperavam cada vez mais as armas de fogo.

O espaço contíguo ao castelo desempenhou um papel de destaque ao longo de séculos, pela sua implantação geográfica altaneira, sendo disso testemunho o registo material de sucessivos pisos e bolsas de materiais. Apesar do elevado grau de fracturação, das condições de deposição e do carácter do acompanhamento arqueológico, é possível reconhecer a densa ocupação do planalto que domina a cidade, adiantando o carácter destrutivo dos pisos modernos sobre os pavimentos medievais.

Os trabalhos arqueológicos no Largo dos Combatentes da Grande Guerra levaram à identificação de três estruturas ligadas ao sistema de drenagem de águas da cidade, associadas a uma via outrora dominada Rua do Cano, por ali passar o "Cano real", a actual Rua Sá da Bandeira, e conduzindo à porta onde anteriormente se terão erguidos os banhos islâmicos. Neste local, os vestígios de um pavimento lajeado e de um muro junto à Fonte da Prata deverão ter pertencido à já desaparecida ermida de São Vicente.

São, pois, pequenos fragmentos da vida e morte em Elvas que aqui se apresentam, obviamente limitados pelo carácter deste tipo de intervenção de salvamento, mas que ainda assim poderão ser um contributo para a história da cidade.

BIBLIOGRAFIA

- ALMADA, V. (1888-1891) – *Elementos para um dicionário de geographia e história: concelho d'Elvas e extinctos de Barbacena, Villa Boím e Villa Fernando*. Vol. I, Elvas: Typ. Elvense, texto policopiado.
- ALMEIDA, J. (1947) – *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses, Vol. III (Distritos de Portalegre, Évora, Beja e Faro)*, Lisboa, Edição do autor.
- ARMAS, D. (1997) – *Livro das Fortalezas*, ANTT-INAPA, 2ª edição, Lisboa.
- BARROCA, M. (1987) – *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-E-Minho (séculos V a XV)*. Trabalho apresentado no âmbito das Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Faculdade de Letras, Universidade do Porto.
- BEIRANTE, M. (1995) – *Évora na Idade Média*, Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, p. 241.
- BUIKSTRA, J. E. e UBELAKER, D. H. (1994) – *Standards: for data collection from human skeletal remains - Proceedings of a Seminar at The Field Museum of Natural History*. Arkansas.
- CAMPILLO, D. (2001) – *Introducción a la paleopatología*. Barcelona, Bellaterra Arqueologia.
- (1991) – *Castelo de Elvas*. Invest. e textos de Natália Pinto, Mário Pereira, António Nabais; coord. Francisco Silva Alves, Luzia Afonso; fotogr. Natália Pinto, José António Silva. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.
- CASTEX, D. (2007) – Les anomalies démographiques: clefs d'interprétation des cimetières d'épidémies en archéologie. In: Castex, D. Cartron, I. (ed.) *Épidémies et crises de mortalité du passé*. Bordeaux, Ausonius Éditions: 109-138.
- CASTEX, D. (2008) – Identification and interpretation of historical cemeteries linked to epidemics. In: Raoult, D. Drancourt, M. (ed.) *Paleomicrobiology: past human infections*. Marseille, Springer: 23-48.
- (Dez.1948) – *Castelo de Elvas*. Boletim da Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, Lisboa, n.º 54, CD-ROM.
- CONCEIÇÃO, M. (2002) – *Da Vila cercada à Praça de Guerra. Formação do Espaço Urbano em Almeida. Séculos XVI-XVIII*, Livros Horizonte.
- CORREIA, F. (2002) – O sistema defensivo da Elvas Islâmica, *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, Coord. Isabel Cristina Fernandes, Edições Colibri e Câmara Municipal de Palmela, p. 357-368.
- DENTINHO, M. (1989) – *Elvas. Monografia*, Câmara Municipal de Elvas.
- DUARTE, A. (2006) – *Linhas de Elvas 1659. Prova de Força*. Batalhas de Portugal, Tribuna da História, 2ª edição revista e aumentada.

- DUDAY, H. (2005a) – L’archaéothanatologie ou l’archéologie de la mort. In: Dutour, O.; Hublin, J.-J. Vandermeersch, B. (ed.) *Objets et méthodes en Paleoanthropologie*. Paris, Comité des Travaux Historiques et Scientifiques: 153-215.
- DUDAY, H. (2005b) – *Lezioni di archaeotatologia: archeologia funeraria e antropologia di campo*. Roma, Soprintendenza archeologica di Roma/Ecole Française de Rome.
- DUDAY, H. (2007) – Les preuves archéologiques d’une crise brutale de mortalité: simultanité du dépôt de cadavres, simultanité des décès? In: Castex, D. Cartron, I. (ed.) *Épidémies et crises de mortalité du passé*. Bourdeaux, Ausonius Éditions: 15-21.
- DUDAY, H. (2008) – Archaeological Proof of an Abrupt Mortality Crisis: Simultaneous Deposit of Cadavers, Simultaneous Deaths? In: Raoult, D. Drancourt, M. (ed.) *Paleomicrobiology: Past human infections*. Verlag, Berlin, Heidelberg, Springer: 49-54.
- FEREMBACH, D.; SCHWIDETZKY, I. e STLOUKAL, M. (1980) – Recommendations for age and sex diagnosis of skeletons. *Journal of Human Evolution*, 9: 517-549.
- FIEL, E. e GARRINHAS, J. (2005) – Uma visão histórica da evolução urbana da cidade de Elvas, in *Caia, Revista Internacional de Cultura e Ciência*, n.º 3, Câmara Municipal de Elvas e Edições Colibri, p.87-112.
- GAMA, E. (1956) – *As cortes de Elvas em 1361*, Minerva Comercial, Évora.
- GAMA, E. (1963) – Roteiro Antigo de Elvas, *À sombra do aqueduto. Estudos elvenses*, 1.ª Série, Elvas.
- GAMA, E. (1972) – Roteiro Antigo de Elvas, *À sombra do aqueduto. Estudos elvenses*, 3.ª Série, Elvas.
- GAMA, E. (1965) – A vida quotidiana em Elvas durante o Cerco e a Batalha das Linhas de Elvas, *À Sombra do Aqueduto, Estudos elvenses*, 49p., Elvas.
- (1943) – *Inventário Artístico de Portugal*. Tomo I, Distrito de Portalegre, A.N.B.A., Lisboa.
- MARQUES, A. (2010) – *A sociedade medieval portuguesa: aspectos da vida quotidiana*. Lisboa, A esfera dos Livros.
- Mata, J. (1859) – *Anaes de Elvas ou Apontamentos Históricos para a topografia Elvense ou breve descrição física, política e histórica da Nobre e sempre Leal Cidade de Elvas*, texto polycopiado da Biblioteca Municipal de Elvas.
- MATTOSO, J. (2010) – O corpo, a saúde e a doença. In: Mattoso, J. Sousa, B. V. (ed.) *Histórias da vida privada em Portugal: a Idade Média*. Maia, Círculo de Leitores: 348-374.
- MOREIRA, M. J. G. (2008) – O século XVIII. In: Rodrigues, T. F. (ed.) *História da População Portuguesa*. Porto, CEPSE e Edições Afrontamento: 245-287.
- MOREIRA, R. (1989) – *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*, Publicações Alfa, p.99.
- MORGADO, F. (1993) – Elvas. Praça de Guerra. Arquitectura Militar. *Caderno Cultural* nº7, Câmara Municipal de Elvas e Grupo de Apoio e dinamização Cultural de Elvas.
- ORTNER, D. J. (2003) – *Identification of Pathological Conditions in Human Skeletal Remains*. London, U.K, Academic Press.
- PIRES, A. (1924) – As ruas d’Elvas: excerptos de um estudo sobre a toponymia elvense, *Estudos e notas elvenses* n.º 12, Elvas: António José Torres de Carvalho.
- QUEIRÓS, M. V. (1996) – *Reumatologia Clínica*. Lisboa, LIDEL.
- RODRIGUES, J. e PEREIRA, M. (1995) – *Elvas. Cidades e Vilas de Portugal*, Editorial Presença.
- RODRIGUES, T. F. (2008a) – As vivisitudes do povoamento nos séculos XVI e XVII. In: Rodrigues, T. F. (ed.) *História da População Portuguesa*. Porto, CEPSE e Edições Afrontamento: 159-246.
- RODRIGUES, T. F. (2008b) – O século XIX. In: Rodrigues, T. F. (ed.) *A História da População Portuguesa*. Porto, CEPSE e Edições Afrontamento: 327-416.
- SANTOS, A. L.; CUNHA, E.; DÂMASO, N. e MARRAFA, C. (1991/1992) – Ficha antropológica a utilizar na escavação. *Antropologia Portuguesa*, 9: 10-67.
- SANTOS, A. L.; CARDOSO, F.; ASSIS, S. e VILLOTTE, S. (2011) – The Coimbra Workshop in Musculoskeletal Stress Markers (MSM): an annotated review. *Antropologia Portuguesa*, 28: 135-161.
- SCHEUER, L. e BLACK, S. (2000) – *Developmental Juvenile Osteology*. USA, American Press.
- SERRÃO, J. (1984) – Cerco de Elvas (1658-59), in *Dicionário de História de Portugal*. Vol. II, Livraria Figueirinhas, Porto, p.359-360.
- SERRÃO, J. e MARQUES, A. (1998) – *Portugal do Renascimento à Crise Dinástica*, Coord. João José Alves Dias, Nova História de Portugal, Vol. V, Editorial Presença.
- SILVA, A. (1991-1992) – Determinação do sexo e estimativa da estatura a partir do calcâneo, talus e metatarsianos. *Antropologia Portuguesa*, 9-10: 59-65.
- VENTURA, A. (2008) – *Elvas na Literatura de Viagens*, Câmara Municipal de Elvas. (Recolha, Introdução e Notas).
- WASTERLAIN, R. (2000) – *Morphé: análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da coleção de esqueletos identificados do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra*. Tese de Mestrado em Evolução Humana, Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra.
- <http://www.monumentos.pt/>, “castelo de Elvas” e “núcleo urbano de Elvas”.

O presente volume reúne os textos redigidos pela grande maioria dos participantes no “Velhos e Novos Mundos. Congresso Internacional de Arqueologia Moderna”, que decorreu de 6 a 9 de Abril de 2011 na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

O evento pretendeu reunir arqueólogos consagrados e jovens, com trabalhos provenientes de contextos académicos ou de salvamento, pertinentes para a discussão em torno de diversas temáticas balizadas nos séculos XV a XVIII, tanto em contexto europeu, como em espaços colonizados.

Entre os assuntos abordados destacam-se a vida urbana, as paisagens e espaços rurais, as fortificações e a guerra, a vida religiosa e as práticas funerárias, as paisagens marítimas, os navios e a vida a bordo e a produção, comércio e consumo de cerâmica, bem como uma reflexão sobre gestão e valorização do património arqueológico.

Além de se pretender dar um impulso ao desenvolvimento da arqueologia moderna, procurou-se lançar pontes de contacto entre comunidades arqueológicas espalhadas em diversas partes do mundo, nomeadamente aquelas que centram a sua investigação em torno dos reinos ibéricos e da sua expansão mundial.

